

Dinheiro ainda fica aplicado

Apesar dos números do IESP apontarem aumento da liquidez, a situação do dinheiro em circulação na economia brasileira ainda apresenta boas vantagens em relação ao final do ano de 1989, quando a maior parte dos recursos estava no **overnight** — com rendimento e liquidez diária. Hoje, as aplicações são feitas com prazos maiores, de pelo menos um mês.

O dinheiro mantido nos Depósitos Especiais Remunerados (DER) é um exemplo dessa condição. Segundo dados do Banco Central, os saques nos DER ficam em torno de 45 por cento dos recursos totais, gerados a partir da conversão dos cruzados novos. A permanência dos recursos em aplicações financeiras tem permitido que a base monetária — papel moeda em circulação mais reservas bancárias — não demonstre expansão real (acima da inflação) nos últimos meses.

O presidente do Banco Central, Francisco Gros, argumenta ainda que a dívida interna não é preocupante se comparada ao PIB brasileiro, ficando longe do patamar de 10 por cento, enquanto em países como a Itália o percentual chega a 70 por cento. O raciocínio de Gros, contudo, baseia-se em uma expectativa de queda da inflação e dos juros reais sobre a dívida, o que pode ser comprometido pelo crescimento da liquidez e ausência de política fiscal.

As medidas para restrição à entrada de dólares no País foram determinadas em fevereiro, mas seus resultados ainda não estão quantificados pelo BC. Segundo o diretor de Assuntos Internacionais, Armínio Fraga, os resultados não vieram imediatamente porque havia grande quantidade de contratos de ACE (Antecipações de Crédito à Exportação) fechados até abril, e que o ingresso de divisas já começou a cair.